

PARA ALÉM DA PORTA DA TERRA: UMA HISTÓRIA DO “FORA DE PORTAS” DO RECIFE PELA PESPECTIVA DA ARQUEOLOGIA E DA HISTÓRIA DA GUERRA

144

BEYOND THE DOOR OF THE EARTH: A HISTORY OF RECIFE'S "OUT OF DOORS"
FROM THE PERSPECTIVE OF ARCHAEOLOGY AND THE HISTORY OF WAR

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262157>

Izabela Pereira de Lima

izabelapereiradelima@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Recife – PE - Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9740-7744>

Lucas Alves da Rocha

lucas-alves170@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Recife – PE - Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3448-6080>

Submetido em 22.03.2024

Aceito em 03.04.2024

Resumo:

O estudo das fortificações e sistemas defensivos vêm atraindo cada vez mais estudiosos nos últimos anos em Pernambuco, um dos principais motivos dentro da arqueologia foi a localização dos esqueletos na região do Recife antigo, nas proximidades da comunidade do

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Pilar. Até agora um dos únicos cemitérios localizados, possivelmente ligado a história da ocupação holandesa em Pernambuco, porém outros achados como peças de artilharia e vestígios de estruturas defensivas localizadas anteriormente, começaram a atrair novamente a intenção de compreender a importância da região denominada de “fora de portas” do Recife no que compreender a história militar do estado. O presente estudo é um somatório de anos de pesquisas acerca da área, utilizando fontes históricas e arqueológicas, para elaborando uma pequena cronologia da importância da área para a “paisagem da guerra” do Recife e de Olinda.

Palavras-chave: Arqueologia da Guerra; História militar; Fora de portas; Recife

Abstract:

The study of fortifications and defensive systems has been attracting more and more scholars in recent years in Pernambuco, one of the main reasons within archeology was the location of the skeletons in the region of ancient Recife, close to the community of Pilar. Until now one of the only cemeteries located, possibly linked to the history of the Dutch occupation in Pernambuco, but other finds such as artillery pieces and traces of previously located defensive structures, began to attract again the intention of understanding the importance of the region called “outside of doors” of Recife in order to understand the state’s military history. The present study is a summation of years of research into the area, using historical and archaeological sources, to create a small chronology of the importance of the area for the “war landscape” of Recife and Olinda

Keywords: Archeology of War; Military history; Out of doors; Recife

Arqueologia e história da guerra: uma breve introdução

A guerra é um fenômeno cultural que vêm atraindo a atenção dos homens desde tempos remotos, na atualidade, arqueólogos estudam as representações dos possíveis embates ou guerras representadas pictoricamente nas paredes rochosas de diversos pontos do globo para compreender as ações ali descritas visualmente, porém, seu significado propriamente dito jaz junto com o grupo que o fez.

Quando os seres humanos começaram a se reunir e criar comunidade, que depois se tornam reinos e civilizações, a necessidade de guerrear se tornou mais presente e forte, seja para proteção de bens necessários para aquele grupo, seja para expansão de dominação de outros grupos, podemos ver e estelas, templos, altos e baixos relevos nas mais diferentes sociedades, painéis retratando guerras e os que vencerem de maneira altiva e divina, e os

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

derrotas submissos a eles.

Aqui é perceptível a necessidade do registro seja nos momentos ou em documentos acerca das vitórias e guerrilhas como “marcos” para aquela civilização, no ponto de vista de Morris (2018) em seu estudo acerca da guerra de modo global, a guerra como ferramenta de consolidação é até hoje utilizada, pois ele usando o conceito de “leviatã” do filósofo Thomas Hobbes, para demonstrar que os grandes impérios usam diversas ferramentas para assim se impor para rivais.

Avanços tecnológicos eram uma das amostras acerca do impacto da guerra em determinados momentos, um dos primeiros que podemos citar é a criação de muralhas e estruturas fortificadas para cerca cidades e assim evitar a invasão dos inimigos, porém graças a isso foi criado uma estratigráfica social dentro do contexto defensivo, uma separação social de dentro e fora de portas.

Porém isso é uma modificação mínima, no que pode ser chamado de “paisagem da guerra”, as guerras de sítio foram criadas, em que não só as cidades se tornam o último alvo para conquista como uma expansão em várias frente do combate, criando assim pontos nos quais estruturas podem ser erguida e confronto podem ser realizados e depois destes embates, corpos e ruínas são os únicos testemunhos sob aquele que tombaram nestas guerra, alguns serão enterrados em covas coletivas, já outros deixados na superfície.

Durante séculos, as cidadelas e vilas fortificadas seguiram esse padrão, porém com a introdução das peças de artilharia na guerra de sítio europeia, fez com que esse velho padrão fosse revisto, agora as altas muralhas tinha que possuir um novo traçado, bastiões começaram a serem construídos com técnicas mistas, além de outras inovações. (Keegan, 2006, p.120) Contudo, esse panorama está mais ligado a história do que a arqueologia. Existiam estudos acerca da guerra, mais de forma ampla e pouco aprofundada somente entre a década de 60 e 70, do século passado, em especial em três núcleos: Na América do Norte, no qual o termo foi cunhado no final da década de 70, na Europa e no Brasil, sendo que no Brasil já existiam trabalhos acerca da guerra e do conflito entre 1960 e 1975, como os executados em Pernambuco e Itamaracá pelos pesquisadores Marcos Albuquerque, Veleda Lucena e Ulysses Pernambucano de Mello Neto.

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

A base da arqueologia da guerra se baseia basicamente em um tripé, que segundo Lima *et alli* (2022):

O “homem”, representa as ideias vigentes naquele determinado momento histórico, pois apesar de alguns pesquisadores acreditarem que o conceito de “guerra” é invariável, White e Dillingham (2004) apontam que para cada sociedade o conceito de “guerra” vai variar (...) O “conflito”, vai além de simplesmente o momento do embate, mas sim as táticas possivelmente utilizadas, as estruturas defensivas, as estratégias entre outros fatores que vão culminar no conflito em si, e que muitas vezes só teremos uma breve ideia ao analisar a documentação de época e os vestígios arqueológicos. Já os “vestígios remanescentes [vestígios]”, que são o que realmente o arqueólogo irá se debruçar para compreender mais a fundo o que aconteceu naquele determinado local, atendo-se no que aponta Rocha (2021 *no prelo*), o arqueólogo vai sempre trabalhar com a “reminiscência do fenômeno”, isso é, com uma fração ínfima da totalidade daquele evento que ali ocorreu e que não pode levar para si como uma “verdade absoluta” para que seja feitas generalizações (Lima, *et alli*, 2022. p. 257).

Com base nisso um pesquisador pode nortear seus estudos acerca da guerra a ponto de mergulhar em diferentes áreas e aspectos, como no caso da arqueologia das fortificações que vai unir a arqueologia da guerra com arquitetura, a bioarqueologia ou tanatologia para fins de compreender desde as doenças, lesões e até mesmo questões genéticas relacionados ao que tombaram na batalha.

Vale ressaltar que os estudos vão além do período colônia, estudo coordenados por diferentes instituições vem abordando os aspectos em um tempo mais recente, como da ditadura militar, no qual estudo analisam desde os locais de torturas até as covas coletivas, como a de Perus, no qual dezenas de ossadas de desaparecidos durante o regime militar.

Porém, o estudo aqui presente vai se dedicar ao aspecto ligado a “paisagem da guerra”, conceito no qual, os estudiosos se debruçam sobre como a guerra modifica a paisagem dos locais nos quais elas ocorrem, as vezes o dano é tão severo que mesmo após décadas suas marcas são visíveis, como o caso das cidade de Hiroshima e Nagasaki, no qual as marcas das bombas ainda estão dentro da paisagem, ou no caso das cidadelas fortificadas na África e na Europa, nos quais ainda podem ser vistas as muralhas seculares e seus bastiões.

Objeto de estudo do presente trabalho, hoje é uma área no qual séculos antes eram um istmo que conectava Olinda a Recife, hoje sua paisagem está repleta de prédios, casarões

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

históricos abandonados e comunidades que lutam pelos seus direitos de habitações, abaixo deste solo, descansa uma parte desconhecida da história das cidades irmãs, que pelo aspecto da guerra, será abordada no presente texto.

O início do porto: um panorama do Recife entre 1530 e 1600

A definição de fora de portas, segundo podemos observar em Keegan (2006), é aquele local cuja humanidade abandona, o estado de moradia sem as estruturas defensivas contra grandes incursões, sendo a primeira fase das fortificações que é denominada pelo autor como “refúgio” para algo mais complexos, que é a segunda fase intitulada como “fortaleza”, apesar de parecer algo menor, essa fase é marcada pela criação dos grandes assentamentos, as cidades e vilas fortificadas, pois essas estruturas têm como algo em comum a limitação de muros e outras estruturas que definem um perímetro defensivo. Ao redor destes conjuntos habitacionais, eram erguidas enormes muralhas, seja de terra batida, tijolos secos ou cozidos ou até mesmo pedra, e isso foi absolvido por diversas civilizações, no Brasil a influência indígena e europeia se destacaram durante a fundação das cidades e vilas, sendo a segunda a que se sobrepôs.

Quando o Brasil foi subdividido em capitanias hereditárias, cada uma delas teria que ter um cidade-sede, uma capital, no caso da capitania de Pernambuco, foi primeiramente erguida nas proximidades do sítio dos Marcos, divisa com a capitania de Itamaracá, porém, o ponto escolhido a *posteriore* foi o ideal na estética da paisagem para a arquitetura europeia, um ponto elevado mais ao sul, no qual tinha um ótimo porto natural, a cidade a ser erguida ali foi batizada de Olinda, e graça ao foral de Olinda (1535) sabemos que o porto era conhecido como “porto dos arrecifes”.

Neste momento, devemos pontuar que o porto se situava na área fora de portas da cidade de Olinda, pois apesar de quase nunca ser mencionada, Olinda possuía portas, não sabemos quantas, mas no mínimo 4 delas, a mais conhecida é a porta do Varadouro, destruída no século XIX. (Mello, 1996 b)

Fora desta porta, se encontrava o caminho do istmo que ia no sentido sul até o porto da cidade, que segundos as crônicas quinhentistas, era basicamente casas de pescadores e armazéns para receber açúcar e outros bens que vinham dos engenhos próximos ou que eram

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

desembarcados nas naus que vinha das carreias das Índias e outros portos. (Figura 1)

Figura 1: Detalhe do mapa do Roteiro de todos os sinais (1597) no qual podemos ver a cidade de Olinda, uma possível representação do sistema defensivo no litoral e até mesmo a forca, na esquerda podemos ver o porto e uma representação de um forte nos arrecifes.



Fonte: ROCHA, LIMA, GANEM, 2019 no prelo

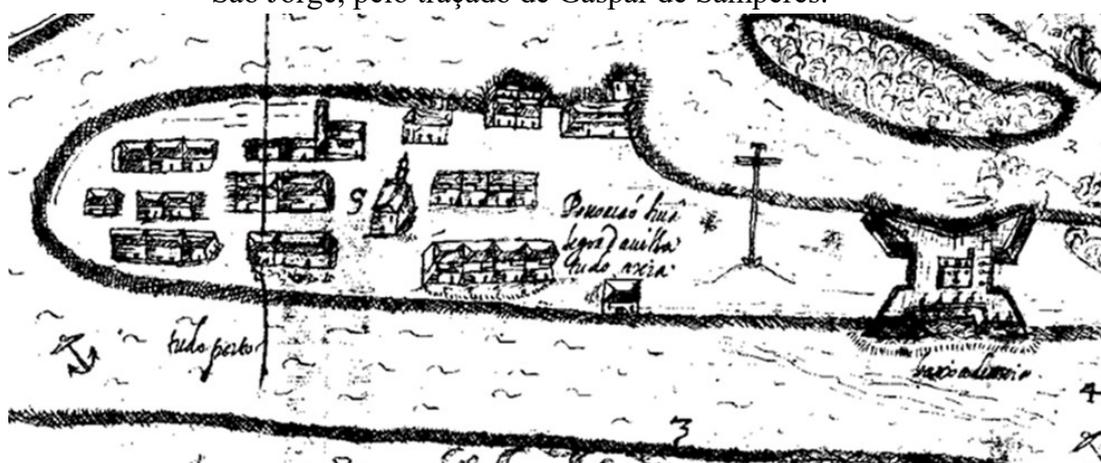
Porém não havia uma defesa nesta área até as últimas décadas do século XVI, quando a invasão ao porto dos arrecifes pelo corsário inglês James Lancaster, devido a notícia acerca do naufrágio do Galeão São Pedro, nau que vinha com produtos das Índias. O ataque ao porto e área adjacentes durou um mês, sendo que o primeiro forte de São Jorge, não passava de “uma casa térrea, sem taipas”, segundo um cronista no início do século 17, no qual estava mal posicionada algumas peças de artilharia.

Após do ataque de Lancaster, se viu a necessidade de melhor fortificar o porto, o antigo forte de São Jorge passou por sua primeira reforma, com o traçado agora elaborado pelo jesuíta Gaspar de Samperes, suas muralhas foram erguidas com pedras, já no arrecife do porto, começou uma obra de uma fortificação similar as “torres do mar”, comuns em alguns portos europeus, que ficavam posicionadas nas entradas dos portos, era os primeiros momentos do forte que seria denominado do Picão ou de São Francisco da Lage. (Figura 2)

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Na área do porto propriamente dita, foram erguidas uma paliçada e bem possivelmente um fosso, para servir como defesa contra invasores, como os piratas e já mencionados corsários. Porém, algumas destas obras eram de fácil execução ou que muitas vezes não permitidas, um exemplo disso foi um pedido do governador em 1612 ao rei, para que o forte de São Jorge fosse “realocado” para mais próximo do porto e que houve uma expansão das habitações e das defesas portuária no sentido sul, “até a cruz de pau”, porém, essa expansão urbana foi proibida, mais a ideia era defendida a todo custo, como podemos ver na “Rezão do Estado do Brasil” (c.1612-1616) (Mello, 1993, *apud.* Rocha, Lima, Ganem, 2019 *no prelo*)

Figura 2: Detalhe do mapa de Olinda e Recife, na “relação das praças-fortes (...)” de 1609, no qual podemos ver o porto, sua organização urbana, a balizar (cruz de madeira) e o forte de São Jorge, pelo traçado de Gaspar de Samperes.



Fonte: Dias, 2008

Essa “cruz de pau” foi um dos monumentos mais marcantes do fora de portas, especialmente pela questão da sua função primaria como baliza para adentrar no mosqueiro do porto, como outros exemplos que foram usados entre 1570 e 1620 em diversos pontos do Brasil. Talvez sua primeira representação foi feita na “Relação de praça de praça forte” (1609) e depois em outros mapas executados por Albernaz I e II e uma prancha do livro de Laet, que eternizou o dito monumento como um “cemitério”, porém tal observação hoje é bastante questionada. (Figura 3)

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Entre as décadas de 1610 e 1630, diversas ampliações acerca do sistema defensivo foi registrado não só em Olinda, como no Recife, um bom exemplo disso é anexação de duas baterias, uma do lado sul e a outra do lado norte do forte de São Jorge, porém graças as análises da documentação entre a jornada do Maranhão (1612-1614) e a primeira invasão a Bahia (1624-1625), foi possível notar que as baterias ficaram abandonadas até os anos de 1629 e 1630. (Figura 4)

Em 1630, a invasão a Pernambuco é um choque do qual os irmãos Mathias de Albuquerque e Duarte de Albuquerque Coelho não esperavam, o primeiro estava no Brasil e teve que ordenar reformas nas defesas de Recife, pois Olinda sofreu um ataque imediato, já que o desembarque das tropas veio da praia de Pau Amarelo, no Recife, as trincheiras no istmo e, as baterias anexas ao forte de São Jorge foi reerguidas, uma forte paliçada foi reformulada ao redor e a primeira porta da terra sofreu uma reforma (Coelho, 1980; Bello; Rocha, Lima, 2013).

Figura 3: Detalhe do mapa de Olinda e Recife, na “Razão do estado do Brasil” (cer. 1612-1616), no qual podemos ver na letra C, o porto do Recife; na letra Q o local para construção de novas habitações; Na letra E, o forte velho de São Jorge e na letra D, o forte novo da Lage (São Francisco)

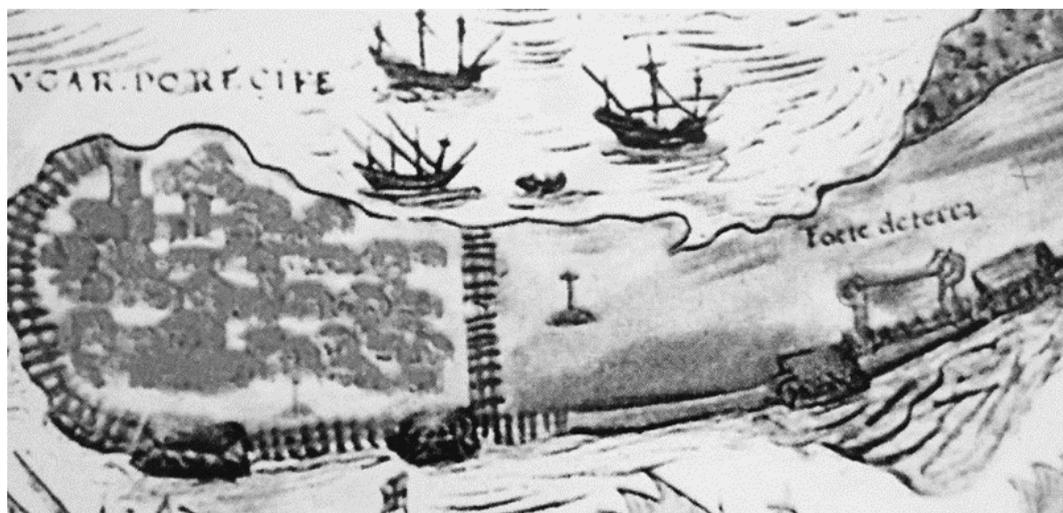


Fonte: Biblioteca Municipal de Lisboa

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figura 4: Detalhe do mapa de Recife e Olinda, pertencente ao Livro que dá razão ao estado do Brasil (circa 1626), neste detalhe podemos as baterias anexas ao forte de São Jorge e a vila do Recife fortificada com paliçada e baterias, o mais interessante são as cruzes, uma fora da paliçada e outra dentro entre as duas baterias voltadas para o mar.



Fonte: Rocha, Lima, Ganem, 2019 no prelo

Além disso, fora iniciada a obra de um novo forte, porém após o incêndio de Olinda (1631) e a tomada do Recife, tais obras ficaram sob o domínio dos invasores, plantas que se encontram no *Nationnal Archeif* demonstra bem isso, sendo delas duas referente a Olinda e uma do Recife. Durante a fase inicial do domínio holandês (1630 e 1635), a paisagem urbana do Recife, referente a questão militar e urbanística vai ganhando mais corpo.

Entre os anos de 1634 e 1635, uma nova expansão urbana vai chamar atenção, pois o terreno nas proximidades da porta da terra lusitana vai ser vendido a um comerciante judeu para ali começar a construção de residências para ele e outros da nação judaica, dando origem ao que hoje é conhecido como rua do Bom Jesus, antiga rua dos Judeus, no final dela foi erguida a porta da terra holandesa, fazendo assim a região fora do perímetro de defesa ser diminuído. (Figura 5)

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. *Revista Rural e Urbano*, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figuras 5: Sobreposição realizada pelo professor Mota Menezes, no qual podemos observar a expansão urbana e a área da primeira porta da terra, entre as casas 212, 268 a 271 e 285 a 287 e da segunda porta da Terra (1)



Fonte: Menezes, 2017

Depois da porta da terra, ficava o forte de São Jorge, agora na sua terceira ou quarta reforma, com uma estrutura similar a uma obra fortificada de transição, no qual havia característica das fortificações modernas (baluartes) e de estruturas similares a castelos, como no caso da praça de armas. Depois da sua rendição, se tornou enfermaria e alguns anos depois no hospital do Recife.

Alguns metros ao norte, o antigo forte português inacabado se tornou uma obra finalizada pelos neerlandeses e foi batizado de forte do Brum, tendo um hornaveque¹ anexo a ele, que depois de alguns anos contou com casebres e outras estruturas civis nas proximidades. Mais ao norte, foi erguido outras fortificações, batizada de madame Bruyn, nas proximidades dela, segundo um mapa de 1637 (Figura 6), foi erguida uma forca ou estrutura de execução ou penalidade, como um polé, porém em documentos posteriores dá a entender que tais instrumento de penas capitais foi colocado mais próximo do Recife, porém, isso ainda é uma

¹ Estrutura defensiva externa, que se enquadra na categoria de “obras cornudas”, que possui dois meio-baluartes e uma cortina entre eles.

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

hipótese. (Pereira da Costa, 1983)

Figuras 6: Detalhe *Kaart van Eiland Antonie Vaaz, her recif en de Stad Pernambuc enz.* NA, 4. VEL, 709, c. 1637, mostrando além do istmo e áreas adjacente, dois dos três patíbulos: Um próximo ao forte das Três Pontas e o outro possivelmente nas proximidades do forte Madame



do Bruyn.

Fonte: Nationnal Archief

No limite norte do fora de porta, no “fora de porta de Olinda”, que possuía agora como base central, a antiga guarita de João de Albuquerque, também denominada de guarita dos Judeus, por ali fica sob os cuidados de uma tropa de soldados judeus, tal assunto foi bem abordado por Mello (1996 a) e Wiznitzer (1970), assim temos a descrição do fora de portas dentro do período neerlandês, contudo vale ressaltar que nas proximidades do forte de São Jorge, existia um cemitério, que antes estava sob os cuidados da WIC da igreja calvinista, no qual ante 1650, poderia se enterrar os mortos que não podia pagar os altos preços dos cemitérios e das igrejas do Recife e Maurícia, após esse período é cobrado uma taxa, porém como os livros de óbitos ligados à igreja do Recife ainda se encontram em uma situação complexa. (LIMA, 2016)

Após a rendição dos invasores entre 1648 e 1654, Recife volta a ser um porto de Olinda, porém sua estrutura atual levanta a hipóteses de troca da sede da capitania para o antigo porto, e isso vai ter repercussão no final do século XVII e início do seguinte, apesar de haver

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. *Revista Rural e Urbano*, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

permissões de comprar de terrenos na área de fora de portas e a reestruturação dos fortes (Brum e madame Brum, que viria se torna a “fortaleza do Buraco”), antes de taipa de pilão e faxina para estruturas encamisadas em pedra e cal.

Entre revoltas e novas invasões: o fora de portas no século XVIII

O período de setecentos para Pernambuco é um dos mais conturbados, pois o final do século anterior já trazia consigo as áreas de revoltas entre os dois polos urbanos principais, Olinda, a antiga capital e Recife, que poderia vir a ser a nova. Além disso, ideias como a expansão do Recife no sentido norte, defendida pelo do mestre de obras Antônio Fernandes Matos e outros homens ligados a arquitetura e urbanismo, como o engenheiro José Massé, eram vistas como algo afrontoso aos partidários da antiga capital.

Recife, não poderia ser elevado ao status de vila ou de nova capital, campanhas para impedir isso foram realizadas pela nobreza da terra, como apontou Mello (1979) e Mello (2013), desde pedidos ao rei para impedir tais ampliações e novas obras a divulgação de notícias falsas acerca de obras que seriam executadas e poderia trazer a destruição de ambas as cidades.

Além disso, revoltas surgiam em diferentes âmbitos da sociedade Pernambucana, um exemplo disso são as revoltas dos frades beneditinos de Olinda, ou a “cemiterada carmelita” no Recife, entre os anos de 1706 e 1710 (Rocha, Lima, 2019, p.233), que vão anteceder a guerra dos mascates, conflito que não só levou a um confronto armado entre as cidades irmãs, como dividiu a capitania em dois grandes blocos, os apoiadores de Recife ou os de Olinda, tal conflito ganhou um patamar que até novas trincheiras e fortificações foram erguidas em diversos pontos, possivelmente na região do fora de portas, que já contava com estruturas defensivas como a casa de cabos e soldados da esquadra e do armazém real de pau-brasil, contudo os relatos acerca do embate mostram poderia ter sido erguidas ali trincheiras, porém como desde os relatos do século XVII, a maré alta sempre foi um problema, pois as vezes, o “mar passava de um lado para o outro” (Rocha; Lima; Ganem, 2019 *no prelo*) ou nas próprias crônicas setentistas lavavam a escadaria da igreja do Pilar, erguida na região localidade no qual existia o forte de São Jorge.

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Tal embate e Recife sendo elevado a Vila de Santo Antônio do Recife e nova capital de Pernambuco, novas medidas foram propostas para a questão defensiva da nova sede, um bom exemplo disso foi as plantas elaboradas pelo engenheiro Diogo Silveira Velozo em 1739, no qual o desenho dedicado ao Recife, mostra o acréscimo do fora de portas dentro das muralhas da cidade, criando assim um novo perímetro defensivo. (Figura 7) (Dias, 2008)

Figuras 7: Detalhe da planta elaborada por Diogo Velozo em 1739, propondo a ampliação do perímetro defensivo do Recife até a metade da rua do Pilar/ São Jorge.



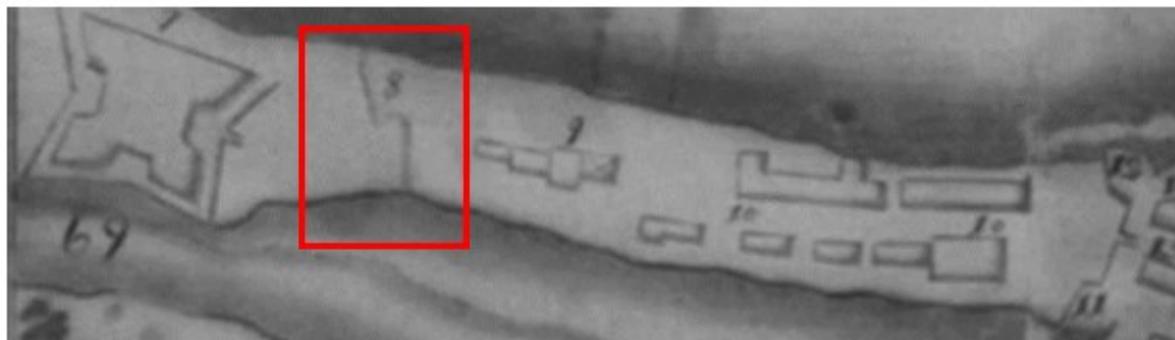
Fonte: Dias, 2008

Porém, durante anos, foi aceito que tal planejamento não foi feito, que nunca saiu do papel, após novas análises acerca da cartografia do Recife, foi possível notar na “planta geneográfica da vila de Santo Antônio do Recife (...)”, executada entre 1720 e 1750, um dos pontos forte de tais documento é a presença de uma construção na parte norte da rua do Pilar, entre a rua e a igreja e que na legenda aparece como “tenalha velha”, ou que sugere, que existiu uma iniciativa de incluir realmente tal área dentro do perímetro defensivo do Recife, porém não sabemos por qual razão isso não ocorreu. (Figura 8)

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figuras 8: Detalhe da planta geneográfica da vila de Santo Antônio (c. 1740-1760), no qual podemos ver na área em vermelho, o que na legenda descreve como “tenalha velha”, Demonstrando Que Houve A Iniciativa Da Ampliação Proposta Por Vellozo.



Fonte: Rocha, Lima, Ganem, 2019 No Prelo

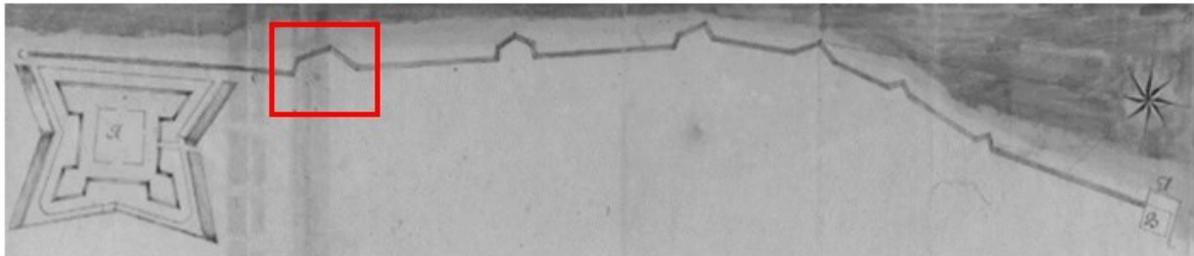
Décadas depois, em 1762, uma notícia enviada ao governado faz com que os planos de fortifica a área voltem a pauta, pois em agosto de 1762, o rei envia a todas as colônias ultramarinas que Portugal tinha entrado na guerra dos sete anos (1756-1763) contra as coroas espanholas e francesa e qualquer nau destas nações seriam consideradas inimigas e não poderia entrar nos portos lusos. (Rocha; Lima. 2019)

As ordens do governador Diogo Lobo foram de ergue diversas fortificações em diversas áreas de Pernambuco e áreas adjacentes, como pode ser visto na documentação do arquivo histórico ultramarino. Ganem (2016) foi um dos primeiros a apontar essa hipótese acerca de uma nova fortificação no fora de porta do Recife, que foi comprovada ao observar duas plantas das trincheiras elevadas na área da marina do Recife, começando da cabeceira da rua até o forte do Brum. (Figura 9)

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figuras 9: Detalhe da planta elaborada pelo governador Diogo Lobo entre 1762 e 1763, no qual vemos a marina do fora de porta da cabeceira da Rua do Pilar (abaixo da rosa dos ventos) até o forte do Brum, na área em vermelho o possível baluarte de Nossa Senhora do Pilar.



Fonte: Rocha; Lima, 2019

No final da rua, foi erguido um baluarte, batizado de “baluarte de Nossa Senhora de Pilar” que segundo documentação da biblioteca nacional contava com 4 peças de artilharias em 1763, porém depois deste período não foi possível evidenciar mais nenhuma menção a não ser dois apontamentos, um em uma mapa do final do século XVIII, no qual mostrar que uma casa de pólvora foi erguida entre o baluarte e o forte do Brum; o segundo foi apontado por Ganem (2016) no qual ao analisar a planta da praia da Madeira notou que o local no qual foi construído as trincheira na cabeceira da rua foi reforçado com pedra.

Campos para os que não merecem covas: o fora de portas no século XIX

Apesar de não haver mais conflitos provocados por agente externo, estes ainda eram presentes na província, em especial acerca do descontentamento que já se manifestavam no século anterior sobre o tratamento dos naturais da província e dos portugueses, esses últimos tinham privilégios que poucas vezes outros possuíam.

Os ideais acerca da revolução francesa e na maçonaria se tornaram fortes na província, o contato com intelectuais trazia novas visões, o descontentamento acerca dos altos impostos e cobranças abusivas do império fazia acender uma chama acerca de uma necessária mudança.

Neste contexto, novamente Pernambuco estava na primazia das revoluções e revoltas, diversas delas foram registradas entre 1800 e 1890, em diferentes pontos da províncias, e

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

algumas em contexto urbano, novamente Recife e Olinda eram palcos de embates sangrentos entre tropas, bom exemplos disso são a abrilzada, setembrizada e a guerra do cabanos, (AQUINO, *et alli*, 2009, p.101-120) esses últimos foram derrotados pelas tropas e o destino dele era similar aos derrotados de outras guerra como aponta Piovizan (2020), seus corpos eram enterrados em lugares ermos e sem direito a identificação, pois eram revoltos.

Um exemplo disso é demonstrado no Diário de Pernambuco, em 25 de setembro de 1854:

A requerimento do senhor Jozé Joaquim de Oliveira resolveo a Camara que se officiasse ao Juiz de Paz do 1º districto do Pillar para que por si e seus inspectores fizesse com que os cadáveres, que se enterram no arial do Brum e Cruz do Patrão fosse covas suficientemente profundas; visto que [inlegível] contra grande damno provinha à saúde pública outro sim que fizesse com que o enterramento dos cadáveres se fizessem prolongando ou estendendo pôr o isthmo porque não he possível que tão considerável número de cabano, mortos possassem prejuízo da saúde pública ser enterrado no pequeno espaço destinado para o dito fim. (Diário de Pernambuco, quinta feira 25 de setembro de 1834 edição 495 p.4)

Os revoltosos, os hereges, os pagãos, os ciganos e todos que no modo de vista eram considerados parias dentro da sociedade luso-brasileira eram enterrados entre a rua do Pilar e a cruz do patrão, Mello (1978) vai descrever o enterro no fosso do Brum de um capitão de embarcação inglês e de alguns outros naquela região, um dos motivos pelo qual os servos da coroa britânica pediram para criação do cemitério para sua comunidade e amigos deles.

Em outra notícia do mesmo tabloide, porém de quase 3 anos à frente, podemos ver que a localidade de fora de porta servia como um local de sepultamentos clandestinos:

Ao prefeito da comarca do Recife, transmitindo-lhe um officio do Exm. Bispo Deocesano em qual faz chegar ao conhecimento do governo a notícia que presos falecidos na cadeia desta cidade são sepultados na Praia da Cruz do Patrão, sem preceder a encomendação do Parocho, e talvez sem o soccorro dos sacramentos. (Diário de Pernambuco, segunda feira 2 de maio de 1837 edição 99, p.2)

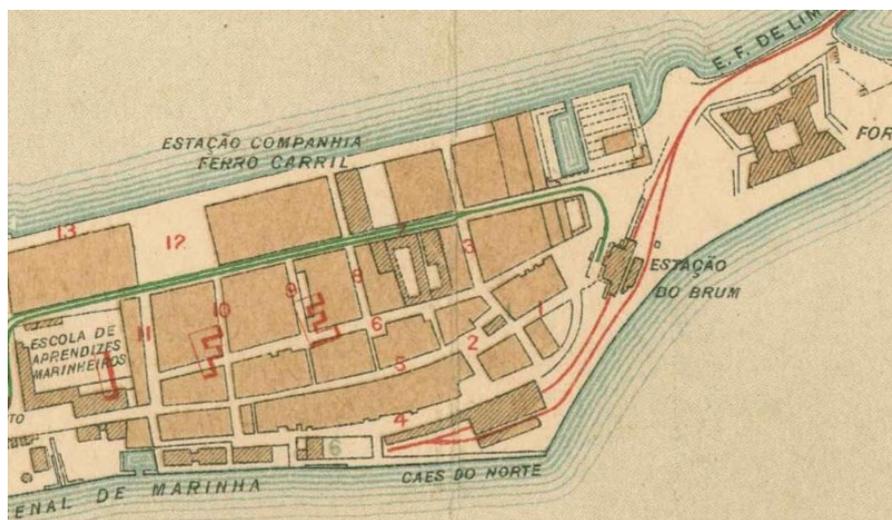
Essa notícia mostra como a região foi se transformando em uma área marginalizada no século XIX, apesar dos escritos como Fagundes Valela, autor de “a emparedada da Rua Nova” e de “o esqueleto”, esse último dá um destaque na região através dos seus personagens quando

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

descreve a história do forte de São Jorge que ali existiu.

Porém, parece que os mortos têm uma ligação muito forte com a região, em suas pesquisas acerca do Recife, a historiadora e escritora Roberta Cirne, descobriu em um dos antigos jornais da província que durante obras na rua nova do Pilar, atual rua Bernardo Vieira de Melo a antiga rua nova do Pilar, foram localizadas ossadas em diferentes níveis, segundo o que a pesquisadora descreve estavam os mortos bem-posicionados, sem enxoval ou qualquer tipo de identificação, até serem perturbados pelos operários das obras. (Figura 10)

Figura 10: Mapa do Recife feito por Douglas e Fox (1908), no qual podemos ver a rua do Pilar (6) e as ruas e travessas adjacentes, além do forte do Brum.



Fonte: Prefeitura do Recife

Possivelmente, esses esqueletos poderiam ter um contexto com o atual sítio arqueológico do cemitério do Pilar, localizado pela UFPE em 2013 e atualmente sendo escavado pela UFRPE, os trabalhos realizados pela UFPE culminaram em uma vasta bibliográfica acerca do tema da morte, das patologias entre outras questões acerca dos remanescentes humanos ali encontrados, apesar de não ter sido possível saber seus limites. As escavações atuais demonstraram outro cemitério, mas recente, entre o século XVIII e XIX, com diversos indivíduos das mais diferentes idades. Mas não foi somente essas pesquisas arqueológicas que trouxeram de volta à luz da atualidade novos dados sobre o fora de porta do

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recife.

A história aterrada: arqueologia no fora de portas

Neste momento do texto, não iremos por ordem cronológica, pois alguns destes achados e ocorrências datam de antes da delimitação propriamente dita pela arqueologia da área do “fora de portas” arqueológico, portanto, iremos começar pelo marco arqueológico do sítio baluarte porta da terra.

Localizado entre 2000 e 2005, durante o acompanhamento de instalação de fibra ótica e obras na área do Recife antigo, na região próxima à torre Malakoff, abaixo de quase um metro de asfalto e paralelepípedos estava os vestígios da antiga porta que limitava o perímetro urbano defensivo do Recife, a segunda porta da terra, erguida pelos holandeses entre 1624 e 1635, após a expulsão foi rebatizada como porta do Bom Jesus, nas laterais da portas existiam dois ângulos para defender a parte do rio e do mar.

Foi destruído no final do século XIX, durante o movimento de renovação e modernização do Recife, como aconteceu com o arco da Conceição, de Santo Antônio e a já mencionada porta do Varadouro de Olinda, sua descoberta gerou pesquisas interessante acerca da cidadela do Recife, mas ainda foi a questão da delimitação do que antes era dentro e fora do Recife.

Alguns metros à frente, durante o acompanhamento de outras obras, a equipe comandada pelo arqueólogo Marcos Albuquerque evidenciou vestígios de uma antiga paliçada, que em algum momento fazia parte das defesas de Recife, delimitando novos perímetros para a região intramuros da cidade e das suas defesas.

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. Revista Rural e Urbano, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figura 11: Fotos dos achados arqueológicos realizados na área do que eram o “fora de portas” do Recife, uma das peças de artilharia perto do moinho de cereais e a outra, vestígios de uma das paliçadas que cercou o Recife.



Canhão encontrado nas escavações do Recife

Técnicas do Laboratório de Arqueologia da UFPE analisam o canhão de ferro achado nas escavações no Recife Antigo, para ampliação do Moinho Recife. Agora, a peça será removida para o Forte do Brum, onde receberá tratamento contra oxidação e depois será exposto ao público. *Vista*



Fonte: Acervo Brasil Arqueológico

Nos anos de 1990, durante a obra de construção do antigo moinho de cereais, ao escavar as bases foram localizadas peças de artilharia naquela região, sendo consideradas segundo os jornais “as maiores peças de artilharia” localizadas em Pernambuco. Hoje tais peças se encontram no museu do Recife no Forte das cinco Pontas.

Considerações finais

A região da fora de portas é uma área que possui um grande potencial, o exemplo aqui abordado foi somente uma das facetas que podem ser ainda mais aprofundadas em diferentes aspectos, já que tanto as fontes documentais como arqueológicas podem trazer. Durante o levantamento documental entre 2013 e 2022, foi possível perceber horizontes não explorados do estudo histórico-arqueológico da região, desde a elaboração da questão urbana, seus festejos entre outros assuntos que permaneceram obscurecidos pelo triste rotulo de ser uma “zona marginalizadas”.

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. *Revista Rural e Urbano*, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Os estudos arqueológicos realizados pela UFPE e atualmente pela UFRPE abriram uma chance desta área ganham uma releitura sobre sua história e sobre as pessoas e monumentos, o tema aqui abordada é um bom exemplo disso, no qual alguns casos e episódios foram citados, mais cada qual já foi ou ainda vai ser abordados por pesquisadores de forma mais ampla e aprofundada, demonstrando como as guerras e embates moldaram a paisagem das cidades irmãs e como alguns destes testemunhos estão esperando serem descobertos.

No caso das pesquisas arqueológica realizava as guerras é de suma importância, como demonstrado no caso do cemitério do Pilar, trazer à tona a história daquele que construíram a história, não dos grandes homens, mas da grande massa que lutou e pereceu neste embates e hoje jazem metros abaixo do solo, esquecidos, quando não foram destruídos no final do embate, como apontou Lima (2016) no caso da Bahia, no qual os mortos foram profanados e destruídos, apesar de alguns indivíduos terem sido localizados no mosteiro de São Bento.

O caso do Pilar é único em um contexto tão conturbado quanto o período colonial brasileiro, porém as estruturas ao redor criam uma paisagem ainda mais interessante e profunda que precisa ser abordada acerca da guerra nesta localidade, e com a certeza que a cada nova descoberta, uma nova gama de informações vai fazer essa área, antes marginalizada, um ponto importante para a cidade do Recife.

Referências

AQUINO, R. S. L. et alli. **Pernambuco em Chamas**. Recife: Massagana, 2009

BELLO, Ms; Rocha, L. A.; Lima, I. P. **Forte de São Jorge: mudanças de uma fortificação através dos mapas dos séculos XVI e XVII no Recife colonial**. Apresentação oral no III encontro da SAB-NE, 2013.

COELHO, D; A. **Memórias diárias da guerra do Brasil**. Recife: Prefeitura do Recife, 1980.

DIAS, Pedro. **História da arte luso-brasileira urbanização e fortificação**. Lisboa, Almedina, 2008

GANEM, E. S. **Um estudo sobre arqueologia urbana: Compreendendo a ocupação civil e a evolução da rua de São Jorge entre os séculos XVII e XIX, Recife- PE**. 61 p. Monografia

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. *Revista Rural e Urbano*, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

(Bacharelado em Arqueologia). Recife, 2016. 61 p.

LIMA, I. P. **Em busca dos Mortos do Passado: Caracterização Funerária do cemitério Pilar**- PE. 2016. 119 p. Graduação (Graduação em Arqueologia.) Recife: UFPE.

LIMA, I. P.; Rocha, L. A. Os férteis campos fúnebres da morte: A presença dos cemitérios na sociedade colonial entre os séculos XVII ao XIX. In: SILVA, Elida Nathalia O. (Org.). **Encontro Nacional de estudos do mundo Atlântico: Histórias atlânticas: conexões e reconexões (Séculos XVI-XIX)**. Recife, EdUFPE, 2019. p. 223-241.

LIMA, I. P. de et al. A herança de Marte: Novas abordagens metodológicas acerca da arqueologia da guerra em Pernambuco-Brasil. **Revista Habitus** - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 255-275, mar. 2022. ISSN 1983-7798. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/9119>>. Acesso em: 02 mai. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/hab.v19i2.9119>.

KEEGAN, J. **Uma história da Guerra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006

MELLO, E. C. **A fronda dos Mazombos**. São Paulo: Editora 34, 2013.

MELLO, J. A. G. **O mascate e o Recife**. Recife: Prefeitura do Recife, 1980.

MELLO, J. A. G. **Ingleses em Pernambuco**. Recife: IAHGP, 1978.

MELLO, J. A. G.. **Gente de Nação**. Recife: Massagana, 1996 a.

MELLO, J. A. G. **Diário de Pernambuco: economia e sociedade no segundo reinado**. Recife: CEPE, 1996 b.

MENEZES, J. L.M. **A recriação do paraíso: Judeus e Cristãos-novos em Olinda e no Recife nos séculos XVI e XVII**. Recife, CEPE, 2017.

MORENO, D. C. **Rezão do Estado do Brasil no Governo do Norte somete asi como o teve dō Diogo de Meneses até o anno de 1612** [Manuscrito]. - [c. 1616]. - [120] f. : il. ; 42 cm. Morris, I. **Guerra**. São Paulo; Loya, 2018.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Anais Pernambucano volume II**. Recife: CEPE, 1983

Piovezan, A. **Morrer na guerra: a sociedade diante da morte em combate**. São Paulo: CRV, 2020.

ROCHA, L. A.; Lima, I. P; Ganem, E. S. Do caminho do “arrecife de areia” à Rua de São Jorge: A evolução histórica, urbana e arqueológica do “fora de portas” do Recife entre os séculos XVI ao XXI. In: SILVA, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da (org.). **Arqueologia da morte no sítio do Pilar: um outro olhar sobre os europeus no Recife do século XVII**. Recife:

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. *Revista Rural e Urbano*, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

EdUFPE, 2019. no prelo.

ROCHA, L. A.; Lima, I. P. A invasão que não aconteceu: A guerra dos sete anos e seu impacto no sistema defensivo de Pernambuco. **Anais do III NEMAT/ I NEIC**, Recife: EdUFPE, 2019. p.140-154.

ROCHA, L. A.. **Preservação, Patrimônio e Arqueologia: O Forte Real de Nossa Senhora de Nazaré, uma fortificação seiscentista, Pernambuco, Brasil**. 2017. 148 f. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife, 2017.

Witnitzer, A. **Os judeus no Brasil colonial**. São Paulo: USP, 1970.

LIMA, I.; ROCHA, L. Para além da porta da terra: uma história do “fora de portas” do Recife pela perspectiva da arqueologia e da história da guerra. *Revista Rural e Urbano*, v. 9, n.1, 2024. P 144-165.

Este artigo está licenciado sob uma licença creative commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>